

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO II

ABRIL DE 1859

Nº 4

Quadro da Vida Espírita

Todos nós, sem exceção, mais cedo ou mais tarde atingiremos o termo fatal da vida; nenhuma força nos poderá subtrair a essa necessidade, eis o que é positivo. As preocupações do mundo muitas vezes nos desviam o pensamento daquilo que se passa além-túmulo; quando, porém, chega o momento supremo, poucos são os que não se perguntam em que se transformarão, pois a idéia de deixar a existência sem possibilidade de retorno tem algo que corta o coração. Realmente, quem poderia encarar com indiferença a hipótese de uma separação absoluta e eterna de tudo quanto amou? Quem poderia ver sem pavor abrir-se à sua frente o imenso abismo do nada, em que iriam desaparecer para sempre todas as nossas faculdades, todas as nossas esperanças? “Quê! depois de mim o nada; nada mais que o vazio; tudo acabado e sem retorno; mais alguns dias e a minha lembrança se apagará na memória dos que me sobreviverem; em breve não restará nenhum traço de minha passagem na Terra; o próprio bem que fiz será esquecido pelos ingratos a quem obsequiei; e nada compensará tudo isso, nenhuma outra perspectiva a não ser meu corpo sendo roído pelos vermes.” Este quadro do fim de um materialista, traçado por um Espírito que tinha vivido esses pensamentos, não tem algo de horrível, de glacial? Ensina-nos a religião que não pode ser assim, e

a razão no-lo confirma. Mas essa existência futura, vaga e indefinida, nada tem que satisfaça o nosso amor do que é positivo. É isso que gera a dúvida em muitas pessoas. Consideremos que tenhamos uma alma. Mas o que é a nossa alma? Terá uma forma, uma aparência qualquer? É um ser limitado ou indefinido? Dizem uns que é um sopro de Deus; outros que é uma centelha; outros, que é uma parte do grande todo, o princípio da vida e da inteligência. Mas o que significa tudo isso? Diz-se, ainda, que é imaterial. Mas uma coisa imaterial não poderia ter propriedades definidas; para nós isto nada representa. Ensina-nos ainda a religião que seremos felizes ou infelizes, conforme o bem ou o mal que houvermos feito. Mas o que é essa felicidade que nos espera no seio de Deus? Será uma beatitude, uma contemplação eterna, sem outro objetivo além de cantar louvores ao Criador? Serão as chamas do inferno uma realidade ou uma ficção? A própria Igreja o entende nesta última acepção, mas quais são esses sofrimentos? Onde o lugar do suplício? Em suma, o que se faz e o que se vê nesse mundo que nos espera a todos? Diz-se que ninguém voltou até agora para nos dar informações. Eis aí um erro, e a missão do Espiritismo é precisamente esclarecer-nos sobre esse futuro, fazendo-nos, até certo ponto, tocá-lo e vê-lo, não mais pelo raciocínio, mas pelos fatos. Graças às comunicações espíritas isso já não é uma presunção, uma probabilidade, sobre a qual cada um imagina à vontade, os poetas embelezam com as suas ficções ou semeiam de imagens alegóricas e enganadoras; é a própria realidade que nos aparece, pois são os próprios seres de além-túmulo que nos vêm descrever a sua situação e dizer-nos o que fazem, permitindo-nos, por assim dizer, assistir a todas as peripécias de sua nova vida e mostrando-nos, desse modo, a sorte inevitável que nos aguarda, conforme nossos méritos e deméritos. Haverá nisso algo de anti-religioso? Muito ao contrário, pois os incrédulos nele encontram a fé e os tíbios uma renovação do fervor e da confiança. O Espiritismo é, pois, o mais poderoso auxiliar da religião. Se existe é porque Deus o permite, para reanimar nossas esperanças vacilantes e nos reconduzir à senda do bem, pela perspectiva do futuro que nos aguarda.

As conversas familiares de além-túmulo que publicamos, relatando a situação dos Espíritos que nos falam, dão-nos conta de suas penas, de suas alegrias e ocupações; são o quadro animado da vida espírita e nele podemos encontrar as analogias que nos interessam pela própria variedade dos assuntos tratados. Tentaremos resumir o seu conjunto.

Consideremos, em primeiro lugar, a alma ao deixar este mundo e vejamos o que se passa nessa transmigração. Extinguindo-se as forças vitais, o Espírito se desprende do corpo no momento em que cessa a vida orgânica; mas a separação não é brusca ou instantânea, por vezes começando antes da cessação completa da vida; nem sempre é completa no instante da morte. Já sabemos que entre o Espírito e o corpo há um laço semimaterial que constitui um primeiro envoltório: é esse laço que não se quebra subitamente e, enquanto perdura, fica o Espírito num estado de perturbação comparável ao que acompanha o despertar. Muitas vezes duvida de sua morte; sente que existe, vê-se e não compreende que possa viver sem o corpo, do qual se percebe separado; os laços que ainda o prendem à matéria o tornam acessível a certas sensações, que toma como sensações físicas. Não é senão quando se acha completamente livre que o Espírito se reconhece: até então não percebe a sua situação. Como já o dissemos em outras ocasiões, a duração desse estado de perturbação é muito variável: pode ser de algumas horas como de vários meses, mas é raro que ao cabo de alguns dias o Espírito não se reconheça mais ou menos bem. Entretanto, como tudo lhe é estranho e desconhecido, falta-lhe um certo tempo para familiarizar-se com a sua nova maneira de perceber as coisas.

É solene o instante em que um deles vê cessar a sua escravização pela ruptura dos laços que o prendiam ao corpo; à sua entrada no mundo dos Espíritos ele é acolhido pelos amigos que o vêm receber, como se voltasse de penosa viagem. Se a travessia foi feliz, isto é, se o tempo de exílio foi empregado de maneira

proveitosa para si e o elevou na hierarquia do mundo dos Espíritos, eles o felicitam. Ali reencontra os conhecidos, mistura-se aos que o amam e com ele simpatizam, começando, então, verdadeiramente, para ele, sua nova existência.

O envoltório semimaterial do Espírito constitui uma espécie de corpo de forma definida, limitada e análoga à nossa. Mas esse corpo não tem os nossos órgãos e não pode sentir todas as nossas impressões. Entretanto, percebe tudo quanto percebemos: a luz, os sons, os odores, etc. Por nada terem de material, nem por isso essas sensações deixam de ser menos reais; têm, até, algo de mais claro, de mais preciso, de mais sutil, porque lhe chegam sem intermediário, sem passar pela fiação dos órgãos que as enfraquecem. A faculdade de perceber é inerente ao Espírito: é um atributo de todo o seu ser; as sensações lhe chegam de todas as partes, e não por canais circunscritos. Um deles nos dizia, falando da visão: “É uma faculdade do Espírito e não do corpo; vedes pelos olhos, mas não é o olho que vê, é o Espírito.”

Pela conformação de nossos órgãos, temos necessidade de certos veículos para as sensações; é assim que nos é necessária a luz para refletir os objetos e o ar para transmitir o som. Esses veículos se tornam inúteis, desde que não temos mais os intermediários que os tornavam necessários. O Espírito, pois, vê sem o auxílio da nossa luz, ouve sem necessidade das vibrações do ar; eis por que, para ele, não há obscuridade. Mas as sensações perpétuas e indefinidas, por mais agradáveis que sejam, tornar-se-iam fatigantes com o tempo, se não lhe fosse possível subtrair-se a elas. Assim, tem o Espírito a faculdade de suspêndê-las; pode deixar de ver à vontade, ouvir ou sentir tais coisas e, conseqüentemente, não ver, não ouvir e não sentir o que não queira. Essa faculdade está na razão de sua superioridade, porquanto há coisas que os Espíritos inferiores não podem evitar, pelo que se torna penosa a sua situação.

É essa nova maneira de sentir que o Espírito não compreende no início, da qual só aos poucos se dá conta. Aqueles cuja inteligência é ainda muito atrasada não a compreendem de forma alguma e sentiriam muita dificuldade em descrevê-la: absolutamente como entre nós os ignorantes vêem e se movem, sem saber como e por quê.

Essa impossibilidade de compreender o que está acima de seu alcance, associada à fanfarrice, companheira ordinária da ignorância, é a fonte das teorias absurdas dadas por certos Espíritos e que nos induziriam em erro, caso as aceitássemos sem controle e não nos assegurássemos do grau de confiança que merecem, através dos meios proporcionados pela experiência e pelo hábito de com eles conversar.

Há sensações que têm sua fonte no próprio estado de nossos órgãos. Ora, as necessidades inerentes ao nosso corpo não podem ocorrer, desde que o corpo não existe mais. O Espírito, portanto, não experimenta fadiga nem necessidade de repouso ou de nutrição, porque não tem nenhuma perda a reparar, como não é acometido por nenhuma de nossas enfermidades. As necessidades do corpo determinam as necessidades sociais que, para os Espíritos, não mais existem, tais como as preocupações dos negócios, as discórdias, as mil e umas tribulações do mundo e os tormentos a que nos entregamos para garantirmos as necessidades ou as coisas supérfluas da vida. Eles sentem piedade pelos esforços que dispêndemos em razão das futilidades; quanto mais felizes são os Espíritos elevados, tanto maior sofrimento experimentam os inferiores. Entretanto, esses sofrimentos se expressam como angústias que, embora nada tenham de físico, nem por isso são menos pungentes; eles têm todas as paixões e todos os desejos que tinham em vida – falamos dos Espíritos inferiores – e seu castigo é não os poder satisfazer. Isso representa uma verdadeira tortura, que julgam perpétua, porque sua própria inferioridade não lhes permite ver o termo, o que, para eles, também é um castigo.

A palavra articulada também é uma necessidade de nossa organização. Não necessitando de vibrações sonoras para lhes ferir os ouvidos, os Espíritos se entendem pela simples transmissão do pensamento, assim como muitas vezes nos entendemos por meio de um simples olhar. Todavia, os Espíritos fazem barulho. Sabemos que podem agir sobre a matéria e esta nos transmite o som. É assim que se dão a entender, seja por meio de pancadas, seja por gritos que vibram no ar; mas, então, é por nós que o fazem, e não por eles. Voltaremos ao assunto em artigo especial, onde trataremos da faculdade dos médiuns audientes.

Enquanto arrastamos o nosso corpo pesado e material pela terra, como o trabalhador forçado a sua corrente, o dos Espíritos, vaporoso e etéreo, transporta-se sem fadiga de um a outro lugar, vencendo o espaço com a rapidez do pensamento e em tudo penetrando, visto que a matéria não lhe opõe nenhum obstáculo.

O Espírito vê tudo o que vemos, e mais claramente do que nós. Além disso, vê aquilo que nossos sentidos limitados não nos permitem ver; penetrando a própria matéria, ele descobre o que a matéria subtrai à nossa vista.

Os Espíritos não são, pois, seres vagos, indefinidos, conforme as definições abstratas da alma a que nos referimos pouco atrás. São seres reais, determinados, circunscritos, gozando de todas as nossas faculdades e de muitas outras que nos são desconhecidas, porque inerentes à sua natureza; têm as qualidades da matéria que lhes é peculiar e constituem o mundo invisível que povoa o espaço, cercando-nos e se acotovelando incessantemente conosco. Suponhamos, por um instante, que o véu material que os oculta à nossa vista seja rasgado: ver-nos-íamos envolvidos por uma multidão de seres que vão e vêm, agitando-se à nossa volta e nos observando, como o faríamos se nos encontrássemos em uma assembléia de cegos. Para os Espíritos nós somos os cegos e eles são os videntes.

Dissemos que ao entrar em sua nova vida o Espírito necessita de algum tempo para se reconhecer, que tudo lhe é estranho e desconhecido. Sem dúvida haverão de perguntar como pode ser assim, já que ele teve outras existências corporais. Essas existências foram separadas por intervalos, durante os quais ele habitava o mundo dos Espíritos; tal mundo, portanto, não lhe deveria ser desconhecido, considerando que não o vê pela primeira vez.

Várias causas contribuem para que essas percepções lhe pareçam novas, embora já as tenha experimentado. Dissemos que a morte é sempre seguida por um instante de perturbação, que pode ser de curta duração. Nesse estado, suas idéias são sempre vagas e confusas; de alguma sorte a vida corporal se confunde com a vida espírita e ele ainda não as pode separar em seu pensamento. Dissipada a primeira impressão, as idéias pouco a pouco se tornam claras e, com elas, a lembrança do passado, que não volta senão gradualmente à memória, porquanto jamais essa memória irrompe bruscamente. Apenas quando ele se encontra completamente desmaterializado é que o passado se desdobra à sua frente, como algo impreciso, saindo de um nevoeiro. Somente então ele se recorda de todos os atos de sua última existência, seguidos dos atos das existências anteriores e de suas diversas passagens pelo mundo dos Espíritos. Concebe-se, pois, que durante um certo tempo esse mundo lhe deva parecer novo, até que ele se tenha reconhecido completamente e a lembrança das sensações ali experimentadas lhe tenha voltado de maneira precisa. Mas a esta causa deve juntar-se uma outra, não menos preponderante.

O estado do Espírito, como Espírito, varia extraordinariamente, na razão do grau de sua elevação e pureza. À medida que se eleva e se depura, suas percepções e sensações se tornam menos grosseiras, adquirindo mais primor, mais sutileza e mais delicadeza; vê, sente e compreende coisas que não podia ver, nem sentir, nem compreender numa condição inferior. Ora, cada existência corporal, sendo para ele uma oportunidade de progresso,

condu-lo a um novo meio, porque se encontra, caso haja progredido, entre Espíritos de outra ordem, cujas idéias, pensamentos e hábitos são diferentes. Acrescente-se que tal depuração lhe permite penetrar, sempre como Espírito, em mundos inacessíveis aos Espíritos inferiores, como entre nós os salões da alta sociedade são interditos às pessoas mal-educadas. Quanto menos esclarecido, tanto mais limitado é o seu horizonte; à medida que se eleva e se depura, esse horizonte se amplia e, com ele, o círculo de suas idéias e percepções. A seguinte comparação nos permite compreendê-lo. Suponhamos um camponês bruto e ignorante, vindo a Paris pela primeira vez. Conhecerá e compreenderá a Paris do mundo sábio e elegante? Não, porque freqüentará apenas as pessoas de sua classe e os bairros que elas habitam. Mas se, no intervalo de uma segunda viagem, esse camponês se desenvolveu, havendo adquirido instrução e boas maneiras, outros serão seus hábitos e as suas relações. Verá, então, um mundo novo para ele, que em nada se assemelhará à Paris de outrora. O mesmo acontece com os Espíritos; nem todos, porém, experimentam esse mesmo grau de incerteza. À medida que progredem, suas idéias se desenvolvem e a memória se aperfeiçoa: familiarizam-se antecipadamente com a sua nova situação; seu retorno entre os outros Espíritos nada mais tem que os surpreenda; encontram-se em seu meio normal e, passado o primeiro momento de perturbação, reconhecem-se quase imediatamente.

Tal é a situação geral dos Espíritos, no chamado estado de erraticidade. Mas o que fazem nesse estado? Como passam o tempo? Para nós essas questões são de interesse capital e eles mesmos é que vão respondê-las, como foram eles que nos deram as explicações que acabamos de fornecer, pois nada disso é produto de nossa imaginação; não se trata de um sistema saído de nosso cérebro: julgamos conforme vemos e ouvimos. Abstraindo-nos de qualquer opinião sobre o Espiritismo, haveremos de convir que essa teoria da vida de além-túmulo nada tem de irracional; ela apresenta uma seqüência e um encadeamento perfeitamente lógicos, que honrariam mais de um filósofo.

Seria erro pensar que a vida espírita seja uma vida ociosa. É, ao contrário, essencialmente ativa, e todos nos falamos de suas ocupações; tais ocupações diferem necessariamente, conforme seja o Espírito errante ou encarnado. No estado de encarnação, elas são relativas à natureza dos globos por eles habitados, às necessidades que dependem do estado físico e moral desses mundos, bem como da organização dos seres vivos. Não é isso que vamos tratar aqui; falaremos somente dos Espíritos errantes. Entre os que alcançaram um certo grau de elevação, uns velam pela realização dos desígnios de Deus nos grandes destinos do Universo; dirigem a marcha dos acontecimentos e concorrem para o progresso de cada mundo; outros tomam os indivíduos sob sua proteção, constituindo-se em seus gênios tutelares e anjos-da-guarda, acompanhando-os desde o nascimento até à morte, buscando encaminhá-los na senda do bem: é uma felicidade para eles quando os seus esforços são coroados de sucesso. Alguns encarnam em mundos inferiores, para neles realizarem missões de progresso; por seus trabalhos, exemplos, conselhos e ensinamentos procuram fazer que uns progridam nas ciências ou nas artes, outros na moral. Submetem-se, então, voluntariamente às vicissitudes de uma vida corporal muitas vezes penosa, com vistas a fazer o bem, e o bem que fazem lhes é levado em conta. Outros, finalmente, não têm atribuições especiais: vão a toda parte onde a sua presença pode ser útil, dão conselhos, inspiram boas idéias, sustentam a coragem dos que vacilam, fortificam os fracos e castigam os presunçosos.

Se considerarmos o número infinito de mundos que povoam o Universo e o incalculável número de seres que o habitam, compreenderemos que os Espíritos têm muito em que se ocupar; tais ocupações, porém, nada têm de penosas; eles as realizam com alegria, voluntariamente, sem constrangimento, e sua felicidade é triunfar naquilo que empreendem; ninguém pensa numa ociosidade eterna, que seria um verdadeiro suplício. Quando as circunstâncias o exigem, reúnem-se em conselho, deliberam

sobre a marcha a seguir, conforme os acontecimentos, dão ordens aos Espíritos que lhes são subordinados e vão para onde o dever os chama. Essas assembléias são mais ou menos gerais ou particulares, conforme a importância do assunto; nenhum lugar especial e circunscrito é destinado a essas reuniões: o espaço é o domínio dos Espíritos. Entretanto, elas se realizam de preferência nos globos onde estão os seus objetivos. Os Espíritos encarnados, que neles estão em missão, delas participam conforme a sua elevação; enquanto o corpo repousa, vão haurir conselhos dos outros Espíritos e, muitas vezes, receber ordens sobre a conduta que devem adotar como homens. É verdade que ao despertar não conservam uma lembrança precisa daquilo que se passou, delas guardando a intuição, que os leva a agir como se o fizessem por conta própria.

Descendo na hierarquia, encontramos Espíritos menos elevados, menos depurados e, conseqüentemente, menos esclarecidos; nem por isso deixam de ser bons, preenchendo funções análogas nas esferas de atividades mais restritas. Sua ação, em vez de estender-se aos diferentes mundos, exerce-se mais especialmente num globo determinado e está relacionada com o seu grau de desenvolvimento; sua influência é mais individual e tem como objetivo coisas de menor importância.

A seguir vem a multidão de Espíritos vulgares, mais ou menos bons ou maus, que pululam à nossa volta. Eles se elevam pouco a pouco acima da Humanidade, da qual representam todos os matizes e os refletem, pois que dela guardam os vícios e as virtudes. Em grande número deles encontramos os gostos, as idéias e inclinações que possuíam em vida. Suas faculdades são limitadas, seu julgamento falível como o dos homens e, muitas vezes, errôneo e imbuído de preconceitos.

Em outros o senso moral é mais desenvolvido; sem terem grande superioridade nem grande profundidade, julgam com

mais acerto, condenando muitas vezes o que fizeram, disseram ou pensaram em vida. Ademais, há uma coisa notável: mesmo entre os Espíritos mais vulgares, a maioria tem sentimentos mais depurados como Espíritos do que como homens, desde que a vida espírita os esclarece sobre os seus defeitos; salvo poucas exceções, arrependem-se amargamente e lamentam o mal que fizeram, porque lhes sofrem mais ou menos cruelmente as conseqüências. Vimos alguns deles que não eram melhores do que o haviam sido em vida; jamais, porém, piores. O endurecimento absoluto é muito raro e apenas temporário, porque, cedo ou tarde, acabam padecendo a sua posição e pode-se mesmo dizer que todos aspiram ao aperfeiçoamento, porque compreendem que este é o único meio de sair da sua inferioridade. Instruir-se, esclarecer-se, eis aí a sua grande preocupação, *e eles se sentem felizes quando a isso podem acrescentar pequenas missões de confiança que os elevam aos seus próprios olhos.*

Têm, também, suas assembléias, mais ou menos sérias, conforme a natureza de seus pensamentos. Falam-nos, vêem e observam o que se passa; imiscuem-se em nossas reuniões, em nossos jogos, em nossas festas e espetáculos, bem como em nossas ocupações sérias. Ouvem nossas conversas: os mais levianos para se divertirem, para rirem à nossa custa ou para nos pregarem alguma peça, caso o possam; os outros para se instruírem. Observam os homens, analisam o seu caráter e fazem o que chamam estudo de costumes, com vistas à escolha de sua futura existência.

Vimos o Espírito no momento em que, deixando o corpo, entra em sua nova vida. Analisamos as suas sensações e seguimos o desenvolvimento gradual de suas idéias. Os primeiros momentos são empregados em se reconhecerem e em se darem conta do que com eles se passa. Em suma, experimentam, por assim dizer, suas faculdades, como a criança que, pouco a pouco, vê crescer suas forças e pensamentos. Falamos dos Espíritos vulgares,

porquanto os outros, como já dissemos, de alguma sorte estão previamente identificados com o estado espírita, que nenhuma surpresa lhes causa, a não ser a alegria de se encontrarem livres dos entraves e dos sofrimentos corporais. Entre os Espíritos inferiores muitos sentem saudades da vida terrena, porque sua situação como Espírito é cem vezes pior. Eis por que buscam uma distração na visão do que outrora constituíam as suas delícias, embora até mesmo essa visão lhes seja um suplício, já que sentem desejos mas não os podem satisfazer.

A necessidade de progredir é geral entre os Espíritos; é isso que os impele ao trabalho por seu melhoramento, porque compreendem que é este o preço de sua felicidade. Nem todos, porém, experimentam tal necessidade no mesmo grau, sobretudo no início; alguns chegam mesmo a comprazer-se numa espécie de vagabundagem, mas que não dura muito tempo; logo a atividade se torna para eles uma necessidade imperiosa, à qual, aliás, são impelidos por outros Espíritos, que lhes estimulam os sentimentos do bem.

Vem a seguir o que se pode chamar de escória do mundo espírita, constituída de todos os Espíritos impuros, cuja única preocupação é o mal. Sofrem e desejariam que todos sofressem como eles. A inveja lhes torna odiosa toda superioridade; o ódio é a sua essência. Não podendo assenhorear-se dos Espíritos, apoderam-se dos homens, atacando os que lhes parecem mais fracos. Excitar as más paixões, insuflar a discórdia, separar os amigos, provocar rixas, alimentar o orgulho dos ambiciosos para, em seguida, se darem ao prazer de abatê-los, espalhando o erro e a mentira – numa palavra, desviar do bem – tais são os seus pensamentos dominantes.

Mas por que permite Deus que assim seja? Deus não tem que nos prestar contas. Dizem-nos os Espíritos superiores que os maus são provações para os bons, e que não há virtude onde não há vitória a conquistar. Ademais, se esses Espíritos malfazejos se

reúnem na Terra, é que nela encontram eco e simpatia. Consolemo-nos imaginando que, acima desta abjeção que nos cerca, há seres puros e benevolentes que nos amam, sustentam-nos, encorajam-nos e nos estendem os braços para nos levarem até eles, conduzindo-nos a mundos melhores onde o mal não encontra acesso, caso saibamos fazer aquilo que é preciso para o merecer.

Fraudes Espíritas⁶

Os que não admitem a realidade das manifestações físicas geralmente atribuem à fraude os efeitos produzidos. Fundam-se em que os prestidigitadores hábeis fazem coisas que parecem prodígios, para quem não lhes conhece os segredos, donde concluem que os médiuns não passam de escamoteadores. Já refutamos este argumento, ou, antes, esta opinião, notadamente nos nossos artigos sobre o Sr. Home e nos números da *Revista* de janeiro e fevereiro de 1858. Aqui, pois, não diremos mais que algumas palavras, antes de falarmos de coisa mais séria.

Do fato de haver charlatães que preconizam drogas nas praças públicas, mesmo de haver médicos que, sem irem à praça pública, iludem a confiança de seus clientes, seguir-se-á que todos os médicos são charlatães e que a classe médica haja perdido a consideração que merece? De haver indivíduos que vendem tintura por vinho, segue-se que todos os negociantes de vinho são falsificadores e que não há vinho puro? De tudo se abusa, mesmo das coisas mais respeitáveis e bem se pode dizer que também a fraude tem o seu gênio. Mas, a fraude sempre visa a um fim, a um interesse material qualquer; onde nada há a ganhar, nenhum interesse há em enganar. Por isso foi que dissemos, em nosso número anterior, a propósito dos médiuns mercenários, que a melhor de todas as garantias é o desinteresse absoluto.

6 N. do T.: Vide *O Livro dos Médiuns*, Segunda parte, capítulo XXVIII, itens 314 a 316.

Dir-se-á que essa garantia não é única, porque em matéria de prestidigitação há amadores muito hábeis, que visam apenas a distrair a sociedade e disso não fazem uma profissão. Não poderia dar-se o mesmo com os médiuns? Sem dúvida que por alguns momentos podemos nos divertir, divertindo os outros; porém, para nisso passar horas inteiras, durante semanas, meses e anos, fora necessário que se estivesse verdadeiramente possuído do demônio da mistificação, e o primeiro mistificado seria o mistificador. Não repetiremos aqui tudo que já foi dito sobre a boa-fé dos médiuns e dos assistentes, quanto a serem joguetes de uma ilusão ou de uma fascinação. A isso já respondemos inúmeras vezes, bem como a todas as outras objeções, pelo que remetemos o leitor à nossa *Instrução Prática sobre as Manifestações*, e aos nossos artigos anteriores da *Revista*. Nosso objetivo aqui não é convencer os incrédulos. Se não se convencem pelos fatos, não se deixarão convencer pelo raciocínio; seria, pois, perder nosso tempo. Ao contrário, dirigimo-nos aos adeptos, a fim de preveni-los contra os subterfúgios de que poderiam ser vítimas da parte de pessoas interessadas, por um motivo qualquer, em simular certos fenômenos; dizemos certos fenômenos porque alguns há que evidentemente desafiam toda habilidade de prestidigitação, tais como o movimento de objetos sem contato, a suspensão de corpos pesados no espaço, os golpes desferidos em diferentes posições, as aparições, etc. E, ainda, para alguns desses fenômenos, até certo ponto seria possível a simulação, tal o progresso realizado pela arte da imitação.

O que é necessário fazer em semelhantes casos é observar atentamente as circunstâncias e, sobretudo, levar em conta o caráter e a posição das pessoas, a finalidade e o interesse que poderiam ter em enganar: eis aí o melhor de todos os controles, pois há circunstâncias que afastam todo motivo de suspeita. Desse modo, estabelecemos como princípio que é preciso desconfiar de todos quantos fizessem desses fenômenos um espetáculo ou um objeto de curiosidade e de divertimento, ou que deles tirassem qualquer proveito, por menor que fosse, vangloriando-se de os

produzir à vontade e a qualquer momento. Nunca seria demasiado repetir que as inteligências ocultas que se manifestam têm suas susceptibilidades e querem provar-nos que também possuem livre-arbítrio e não se submetem aos nossos caprichos.

De todos os fenômenos físicos, um dos mais comuns é o dos golpes internos, vibrados na própria substância da madeira, com ou sem movimento da mesa ou de qualquer objeto que possa ser utilizado. Ora, sendo esse efeito um dos mais fáceis de imitar e também um dos mais freqüentemente produzidos, julgamos de utilidade revelar uma pequena astúcia com a qual podemos ser enganados: basta colocar as mãos abertas sobre a mesa, suficientemente próximas para que as unhas dos polegares se apoiem fortemente uma na outra; então, por um movimento muscular absolutamente imperceptível, produz-se um atrito semelhante a um ruído seco, muito parecido com o da tiptologia interna. Esse ruído repercute na madeira e produz uma ilusão completa. Nada mais fácil do que fazer ouvir tantos golpes quanto se queira, uma batida de tambor, etc., responder a certas perguntas pelo sim e pelo não, pelos números e até mesmo pela indicação das letras do alfabeto.

Uma vez prevenidos, o meio de reconhecer a fraude é bem simples. Não será mais possível se as mãos ficarem afastadas uma da outra e se estivermos seguros de que nenhum outro contato possa produzir o ruído. Aliás, os golpes autênticos oferecem essa característica: mudam de lugar e de timbre à vontade, o que não ocorre quando se devem à causa que assinalamos ou a outra análoga qualquer; que eles deixam a mesa para se fazerem ouvir em outra peça de mobiliário que ninguém toca; que, enfim, respondem a perguntas não previstas pelos assistentes.

Chamamos, pois, a atenção das pessoas de boa-fé para esse pequeno estratagema, bem como para outros que possam reconhecer, a fim de os denunciar sem cerimônia. A possibilidade

de fraude e de imitação não impede a realidade dos fatos, não podendo o Espiritismo senão ganhar em desmascarar os impostores. Se alguém nos disser: Vi tal fenômeno, mas havia fraude, responderemos que é possível; nós mesmos vimos pretensos sonâmbulos simularem o sonambulismo com muita habilidade, o que não impede que o sonambulismo deixe de ser um fato. Todo mundo já viu negociantes venderem algodão por seda, o que também não impede que haja verdadeiros tecidos de seda. É preciso examinar todas as circunstâncias e verificar se a dúvida tem fundamento. Nisso, porém, como em todas as coisas, é preciso ser perito. Ora, nós não poderíamos reconhecer como juiz de uma questão alguém que dela nada conhecesse.

Dizemos outro tanto dos médiuns escreventes. Pensa-se comumente que aqueles que são mecânicos oferecem mais garantias, não apenas pela independência das idéias, mas, também, contra o embuste. Pois bem! Isto é um erro! A fraude insinua-se por toda parte e sabemos com que habilidade é possível dirigir à vontade uma cesta ou uma prancheta que escreve, dando-lhes toda a aparência de movimentos espontâneos. O que levanta todas as dúvidas são os pensamentos expressos, venham de um médium mecânico, intuitivo, audiente, falante ou vidente. Há comunicações que escapam de tal forma das idéias, conhecimentos e, até mesmo, do alcance intelectual do médium, que seria necessário que nos enganássemos excessivamente para lhes dar crédito. Reconhecemos no charlatanismo uma grande habilidade e fecundos recursos, conquanto ainda não lhe reconheçamos o dom de dar saber a um ignorante, ou talento a quem não o tenha.

Problema Moral

OS CANIBAIS

Um de nossos assinantes dirigiu-nos a seguinte pergunta, rogando-nos que fosse respondida pelos Espíritos que nos assistem, caso ainda não a tivesse sido.

“Os Espíritos errantes, depois de um lapso de tempo mais ou menos longo, desejam e pedem a Deus a reencarnação como meio de progresso espiritual. Escolhem as provas e, usando o livre-arbítrio, elegem naturalmente aquelas que lhes parecem mais apropriadas a esse progresso, no mundo onde a reencarnação lhes é permitida. Ora, durante sua existência errante, que empregam em instruir-se (são eles que nos dizem), ficam sabendo quais as nações que melhor podem fazê-los atingir o fim a que se propõem. Vêem populações ferozes, antropófagas e têm a certeza de que, nelas encarnando, tornar-se-ão ferozes e comedores de carne humana. Seguramente não é nesse meio que haverão de realizar o progresso espiritual; seus instintos brutais apenas terão adquirido mais consistência pela força do hábito. Eis então prejudicado o seu objetivo, quanto à escolha das encarnações entre tal ou qual povo.

“O mesmo acontece com certas posições sociais. Entre estas, certamente há as que apresentam obstáculos invencíveis ao progresso espiritual. Citarei apenas os magarefes nos matadouros, os carrascos, etc. Dizem que tais criaturas são necessárias: umas, porque não podemos passar sem alimentação animal; outras, porque é preciso executar as decisões da justiça, requeridas pela nossa organização social. Não é menos verdade que, reencarnando no corpo de uma criança destinada a abraçar uma ou outra dessas profissões, deve o Espírito saber que envereda por caminho errado e que se priva voluntariamente dos meios que o podem conduzir à perfeição. Não poderia acontecer, com a permissão de Deus, que nenhum Espírito quisesse esses gêneros de existência e, nesse caso, qual a necessidade dessas profissões em nosso estamento social?”

A resposta a essa questão decorre de todos os ensinamentos que nos têm sido dados. Podemos, pois, respondê-la, sem ter que submetê-la novamente aos Espíritos.

É evidente que um Espírito já elevado, por exemplo, o de um europeu esclarecido, não poderá escolher como meio de

progresso uma existência selvagem: em vez de avançar, retrogradaria. Mas sabemos que nossos próprios antropófagos não se encontram no último degrau da escala e que há mundos onde o embrutecimento e a ferocidade não têm analogia na Terra. Esses Espíritos ainda são inferiores aos mais atrasados Espíritos de nosso mundo e, renascer entre nossos selvagens é, para eles, um progresso. Se não visam mais alto, é que sua inferioridade moral não lhes permite compreender um progresso mais completo. O Espírito não pode avançar senão gradualmente; deve passar sucessivamente por todos os graus, de forma que cada passo à frente seja uma base para assentar um novo progresso. Ele não pode transpor de um salto a distância que separa a barbárie da civilização, como o escolar não pode ser promovido, sem transição, do á-bê-cê à retórica. É nisso que vemos uma das necessidades da reencarnação, que está verdadeiramente conforme à justiça de Deus. Não fora assim, em que se transformariam esses milhões de seres que morrem no último estado de degradação, caso não tivessem meios de atingir a superioridade? Por que os teria Deus deserdado dos favores concedidos aos outros homens? Nós o repetimos, por ser um ponto essencial: em razão de sua inteligência limitada, não compreendem o que é melhor senão do seu ponto de vista e dentro de estreitos limites. Há, entretanto, alguns que se transviam por quererem subir muito alto, e que nos oferecem o triste espetáculo da ferocidade no meio da civilização. Estes, voltando entre os canibais, lucrarão ainda.

Essas considerações também se aplicam às profissões de que fala o nosso correspondente. É evidente que oferecem superioridade relativa para certos Espíritos e não é nesse sentido que se deve compreender a escolha que farão. Pelo mesmo motivo, elas podem ser escolhidas como expiação ou como missão, porquanto nenhuma existe na qual não se possa encontrar oportunidade de fazer o bem e de progredir, pela própria maneira com que são exercidas.

Quanto à questão de saber em que se tornariam essas profissões, caso nenhum Espírito as quisesse abraçar, está respondida pelos fatos. Desde que os Espíritos que as alimentam procedem de mais baixo, não se deve temer o desemprego. Quando o progresso social permitir a supressão do ofício de carrasco, desaparecerá essa classe e não os candidatos, que se irão apresentar entre outros povos ou em outros mundos menos adiantados.

A Indústria

COMUNICAÇÃO ESPONTÂNEA DO SR. CROZ, MÉDIUM PSICÓGRAFO, LIDA NA SOCIEDADE NO DIA 21 DE JANEIRO DE 1859

As empresas que vemos surgir diariamente são atos providenciais e o desenvolvimento de germes sedimentados pelos séculos. A Humanidade e o planeta por ela habitado têm uma mesma existência, cujas fases se encadeiam e se correspondem.

Logo que se acalmam as grandes convulsões da Natureza, passa a febre que impulsionava as guerras de extermínio, brilha a filosofia, desaparece a escravidão e florescem as ciências e as artes.

A perfeição divina pode resumir-se no belo e no útil; e se Deus fez o homem à sua imagem é porque queria que ele vivesse de sua inteligência, como Ele próprio vive no seio dos esplendores da Criação.

Os empreendimentos que Deus abençoa, sejam quais forem as suas proporções, são aqueles que correspondem aos seus desígnios, trazendo o seu concurso à obra coletiva, cuja lei está escrita no Universo: o belo e o útil. A arte, filha do repouso e da ins-piração, é o belo; a indústria, filha da ciência e do trabalho, é o útil.

Observação – Esta comunicação é mais ou menos a iniciação de um médium que acaba de se desenvolver com

admirável rapidez; é de convir que, como experiência, promete muito. Desde a primeira sessão ele escreveu, sem interrupção, quatro páginas que não desmerecem o que se acaba de ler, pela profundidade dos pensamentos, o que nele denota uma extraordinária aptidão em servir de intermediário a todos os Espíritos, para comunicações particulares. A propósito, necessitamos de mais estudos nesse particular, já que essa flexibilidade não é dada a todos. Conhecemos alguns médiuns que só podem servir de intérpretes a determinados Espíritos e para uma certa ordem de idéias.

Depois que esta nota foi escrita, chegamos a constatar o progresso do médium, cuja faculdade oferece características especiais e dignas da maior atenção do observador.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

BENVENUTO CELLINI

Sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos –
11 de março de 1859.

1. Evocação.

Resp. – Interrogai; estou pronto. Demorai como quiserdes, pois tenho tempo para vos dar.

2. Lembrais da existência que tivestes na Terra, no século XVI, entre 1500 e 1570?

Resp. – Sim, sim.

3. Atualmente, qual a vossa situação como Espírito?

Resp. – Vivi em vários outros mundos e estou muito satisfeito com a posição que hoje ocupo; não é um trono, mas estou a caminho.

4. Tivestes outras existências corporais na Terra depois daquela que conhecemos?

Resp. – Corporal, sim; na Terra, não.

5. Quanto tempo ficastes errante?

Resp. – Não o posso calcular: alguns anos.

6. Quais eram as vossas ocupações nesse estado errante?

Resp. – Trabalhava por mim mesmo.

7. Voltastes algumas vezes à Terra?

Resp. – Poucas.

8. Assistis ao drama em que sois representado? Que pensais dele?

Resp. – Fui vê-lo várias vezes; senti-me lisonjeado como Cellini, mas pouco como Espírito que havia progredido.

9. Antes da existência que conhecemos, tivestes outras na Terra?

Resp. – Não, nenhuma.

10. Poderíeis dizer o que éreis em vossa precedente existência?

Resp. – Minhas preocupações eram completamente diferentes daquelas que tive na Terra.

11. Que mundo habitais?

Resp. – Não o conheceis e não o vedes.

12. Poderíeis dar-nos a sua descrição, do ponto de vista físico e moral?

Resp. – Sim, facilmente.

Do ponto de vista físico, meus caros amigos, alegrei-me com a sua beleza plástica: ali nada choca os olhos; todas as linhas se harmonizam perfeitamente; a mímica é a forma de expressão constante; os perfumes nos envolvem e não temos nada a desejar para o nosso bem-estar físico, uma vez satisfeitas as necessidades pouco numerosas a que estamos submetidos.

Do ponto de vista moral, a perfeição é menor, pois ali ainda se pode ver consciências perturbadas e Espíritos inclinados ao mal. Não será a perfeição – longe disso – mas, como já falei, é o seu caminho e todos esperamos um dia alcançá-la.

13. Quais as vossas ocupações no mundo que habitais?

Resp. – Trabalhamos as artes. Sou artista.

14. Em vossas memórias relatais uma cena de feitiçaria e de sortilégio que se teria passado no Coliseu, em Roma, e na qual teríeis tomado parte. Lembrais-vos dela?

Resp. – Sem muita clareza.

15. Se procedêssemos à sua leitura, teríeis a lembrança despertada?

Resp. – Sim, isso poderia dar-me uma idéia.

Fez-se então a leitura do seguinte trecho de suas memórias:

“Em meio a essa vida estranha eu me liguei a um sacerdote siciliano, de espírito muito distinto e profundamente versado nas letras gregas e latinas. Conversando com ele certo dia, o assunto caiu sobre necromancia e lhe confessei que em toda a minha vida havia ardentemente desejado ver e aprender algo dessa arte. Para abordar semelhante empresa, é necessário ter uma alma firme e intrépida, respondeu-me o padre.

“Uma noite, porém, o sacerdote fez os seus preparativos e me disse que procurasse um ou dois companheiros. Associou-se a um homem de Pistóia, que também se ocupava de necromancia e nos dirigimos ao Coliseu. Aí o padre vestiu-se à maneira dos necromantes, depois começou a desenhar círculos no chão, com as mais belas cerimônias que se possa imaginar. Havia trazido perfumes preciosos, drogas fétidas e fogo. Quando tudo estava em ordem ele fez uma abertura no círculo e ali nos

introduziu, tomando-nos um a um pela mão. Em seguida distribuiu os papéis. Pôs o talismã nas mãos de seu amigo necromante, encarregou os outros da vigilância do fogo e dos perfumes e, finalmente, começou as conjurações. Essa cerimônia durou mais de uma hora e meia. O Coliseu encheu-se de legiões de Espíritos infernais. Quando o sacerdote viu que eram bastante numerosos, voltou-se para mim, que cuidava dos perfumes, e disse: Benvenuto, pede-lhes alguma coisa. Respondi que desejava reunir-me à minha siciliana Angélica. Embora não obtivéssemos resposta naquela noite, fiquei encantado com o que tinha visto. O necromante me disse que era preciso retornar uma segunda vez e que eu obteria tudo quanto pedisse, contanto que trouxesse um rapazinho ainda virgem. Escolhi um de meus aprendizes e trouxe ainda dois dos meus amigos.

“Ele pôs-me nas mãos o talismã, dizendo-me que o voltasse em direção aos locais que me fossem designados. Meu aprendiz foi colocado debaixo do talismã. O necromante começou suas terríveis evocações, chamou pelo nome uma multidão de chefes de legiões infernais, exprimindo suas ordens em hebraico, grego e latim, em nome do Deus incriado, vivo e eterno. Logo o Coliseu encheu-se de uma quantidade de demônios cem vezes mais considerável que da primeira vez. A conselho do necromante, pedi novamente para me encontrar com Angélica. Ele se voltou para mim e me disse: Não os ouvistes anunciar que dentro de um mês estarias com ela? E pediu-me que tivesse firmeza, porque havia mil legiões além das que tinham sido chamadas, acrescentando que eram mais perigosas e que, desde que haviam respondido ao meu pedido, era necessário tratá-las com brandura e despedi-las tranqüilamente. Por outro lado, o jovem rapaz exclamava com espanto que percebia um milhão de homens terríveis que nos ameaçavam, e quatro enormes gigantes, armados dos pés à cabeça, que pareciam querer penetrar em nosso círculo. Durante esse tempo o necromante, tremendo de medo, tentava conjurá-los, imprimindo à voz a mais doce entonação. O menino escondia a

cabeça entre os joelhos e gritava: Quero morrer assim! Estamos mortos! Então eu lhe disse: “Estas criaturas estão todas abaixo de nós e o que vê não passa de fumaça e sombra; assim, levanta os olhos.” Apenas me havia obedecido, retomou: Todo o Coliseu queima e o fogo vem sobre nós. O necromante ordenou que fosse queimada assa-fétida. Encarregado dos perfumes, Agnolo estava semimorto de pavor.

“A esse barulho e ao terrível mau cheiro o garoto arriscou-se a levantar a cabeça. Ouvindo o meu riso, tranqüilizou-se um pouco e disse que os demônios começavam a retirada. Permanecemos assim até o momento em que soaram as matinas. Disse-nos o jovem que só percebia alguns demônios e, mesmo assim, a grande distância. Finalmente, quando o necromante concluiu os rituais e desparamentou-se, saímos do círculo. Enquanto caminhávamos para nossos lares, pela rua Banchi, ele assegurava que dois demônios davam cambalhotas à nossa frente, ora correndo sobre os telhados, ora pelo chão.

“O necromante jurava que, desde que havia posto o pé num círculo mágico, nunca lhe havia acontecido nada assim tão extraordinário. Tentou, depois, convencer-me a unir-me a ele para nos consagrarmos a um livro, que nos deveria proporcionar riquezas incalculáveis e fornecer-nos os meios de obrigar os demônios a nos indicar os locais onde se acham escondidos os tesouros que a Terra guarda em seu seio...”

Após diferentes relatos mais ou menos vinculados ao que precede, conta Benvenuto como, ao cabo de trinta dias, isto é, dentro do prazo fixado pelos demônios, ele reencontrou sua Angélica.

16. Poderíeis dizer o que há de verdadeiro nessa cena?

Resp. – O necromante era um charlatão, eu era um romancista e Angélica minha amante.

17. Revistes Francisco I, vosso protetor?

Resp. – Certamente; ele viu muitos outros que não foram seus protegidos.

18. Como o julgáveis em vida e como o julgais agora?

Resp. – Dir-vos-ei como o julgava: como um príncipe e, nessa condição, enceguecido por sua educação e por aqueles que o cercavam.

19. E o que dizeis agora?

Resp. – Ele progrediu.

20. Era por sincero amor à arte que ele protegia os artistas?

Resp. – Sim, e também por prazer e vaidade.

21. Onde se encontra ele atualmente?

Resp. – Ele vive.

22. Está na Terra?

Resp. – Não.

23. Se o evocássemos agora, ele poderia vir e conversar conosco?

Resp. – Sim, mas não pressioneis assim os Espíritos. Que vossas evocações sejam preparadas com muita antecedência e, então, pouco tereis que perguntar aos Espíritos. Assim vos arriscais muito menos de serdes enganados, porque isso acontece algumas vezes. [São Luís].

24. [A São Luís] Podereis fazer com que dois Espíritos venham conversar?

Resp. – Sim.

– Nesse caso seria útil ter dois médiuns?

Resp. – Sim, necessariamente.

Nota – Este diálogo ocorreu numa outra sessão; a ele voltaremos em nosso próximo número.

25. [A Cellini] De onde procede vossa vocação para a arte? Resultaria de um desenvolvimento especial anterior?

Resp. – Sim; por muito tempo estive ligado à poesia e à beleza da linguagem. Na Terra prendi-me à beleza como reprodução; hoje ocupo-me dela como invenção.

26. Possuíeis também talento militar, pois o papa Clemente VII confiou-vos a defesa do castelo de Santo Ângelo. Entretanto, vosso talento de artista não vos devia proporcionar muita aptidão para a guerra.

Resp. – Tinha talento e sabia aplicá-lo. Em tudo é necessário discernimento, sobretudo na arte militar daquele tempo.

27. Poderíeis dar alguns conselhos aos artistas que procuram seguir vossos passos?

Resp. – Sim. Dir-lhes-ei simplesmente que busquem a pureza e a verdadeira beleza, mais do que o fazem e mais do que eu próprio fiz. Eles me compreenderão.

28. A beleza não é relativa e convencional? O europeu se julga mais belo que o negro, e este mais belo que o branco. Se há uma beleza absoluta, qual é o seu tipo? Podeis dar a vossa opinião a respeito?

Resp. – Com prazer. Não quis fazer alusão a uma beleza convencional; pelo contrário. A beleza está em toda parte, é o reflexo do Espírito no corpo e não apenas a forma corpórea. Como dissestes, um negro pode ser belo, de uma beleza que será apreciada somente por seus semelhantes, é verdade. Do mesmo modo nossa beleza terrestre é deformidade para o céu, como para vós, brancos, o belo negro vos parece quase disforme. Para o artista a beleza é a vida, o sentimento que sabe dar à sua obra. Com isso imprimirá beleza às coisas mais vulgares.

29. Poderíeis guiar um médium na execução de uma modelagem, como o fez Bernard de Palissy em relação aos desenhos?

Resp. – Sim.

30. Poderíeis levar o médium de que vos servis de intérprete a fazer alguma coisa agora?

Resp. – Como também os outros, embora preferisse um artista que conhecesse os truques da minha arte.

Observação – Prova a experiência que a aptidão de um médium para tal ou qual gênero de produção vai depender da flexibilidade que ele apresenta ao Espírito, e isso abstração feita do seu talento. O conhecimento do ofício e os meios materiais de execução não constituem o talento, mas é concebível que o Espírito que dirige o médium nele encontre menor dificuldade mecânica a vencer. Entretanto, há médiuns que fazem coisas admiráveis, das quais lhes faltam as primeiras noções, tais como a poesia, desenhos, gravuras, música, etc.; mas, então, é que neles existe uma aptidão inata, sem dúvida resultante de um desenvolvimento anterior, do qual só conservaram a intuição.

31. Poderíeis dirigir a Sra. G. S., aqui presente, e que é artista, embora jamais tenha conseguido produzir qualquer coisa como médium?

Resp. – Tentarei, se ela o desejar.

32. [Sra. G. S.] Quando queres começar?

Resp. – Quando quiseres, a partir de amanhã.

33. Mas como saberei que a inspiração vem de ti?

Resp. – A convicção vem com as provas. Deixai-a vir lentamente.

34. Por que não obtive êxito até o momento?

Resp. – Pouca persistência e falta de boa vontade do Espírito evocado.

35. Agradeço-te a assistência que me prometes.

Resp. – Adeus. Até logo, companheira de trabalho.

Nota – A Sra. G. S. pôs-se à obra, mas ainda não sabemos os resultados que obteve.

SR. GIRARD DE CODEMBERG

Antigo aluno da Escola Politécnica, membro de várias sociedades científicas, autor de um livro intitulado: *Le Monde spirituel, ou science chrétienne de communiquer intimement avec les puissances célestes et les âmes heureuses*. Falecido em novembro de 1858. Evocado na Sociedade a 14 de janeiro seguinte.

1. Evocação.

Resp. – Eis-me aqui. Que quereis?

2. Compareceis de boa vontade ao nosso apelo?

Resp. – Sim.

3. Podereis dizer-nos o que pensais atualmente do livro que publicastes?

Resp. – Cometi alguns erros, mas nele há coisas boas e sou levado a crer que vós mesmos concordaríeis com o que ali eu disse, sem qualquer receio de lisonjear-me.

4. Dizeis principalmente que tivestes comunicações com a mãe do Cristo. Vedes agora se era realmente ela?

Resp. – Não; não era ela, mas um Espírito que tomava seu nome.

5. Com que objetivo esse Espírito lhe tomava o nome?

Resp. – Ele me via seguir o caminho do erro e aproveitava para me comprometer ainda mais. Era um Espírito perturbador, um ser leviano, mais propenso ao mal que ao bem. Sentia-se feliz por ver a minha falsa alegria. Eu era o seu juguete, como muitas vezes vós outros o sois de vossos semelhantes.

6. Dotado de inteligência superior, como não percebestes o ridículo de certas comunicações?

Resp. – Eu estava fascinado e julgava bom tudo quanto me diziam.

7. Não julgais que essa obra possa fazer mal, no sentido de prestar-se ao ridículo em relação às comunicações de além-túmulo?

Resp. – Nesse sentido, sim. Mas eu disse também que há coisas boas e verdadeiras que, sob um outro ponto de vista, impressiona os olhos das massas. Mesmo naquilo que nos parece mau, muitas vezes encontramos uma boa semente.

8. Sois mais feliz agora do que quando vivíeis?

Resp. – Sim, mas tenho muita necessidade de esclarecer-me, porque ainda me acho no nevoeiro que se segue à morte. Estou como o escolar que começa a soletrar.

9. Quando vivo conhecestes *O Livro dos Espíritos*?

Resp. – Jamais lhe havia prestado atenção. Tinha idéias preconcebidas; nisso eu pecava, pois nunca estudaremos e nos aprofundaremos bastante em todas as coisas. Mas o orgulho está sempre em ação, criando-nos ilusões. Aliás, isso é bem próprio dos ignorantes: não querem estudar senão aquilo que preferem e só dão ouvidos aos que os lisonjeiam.

10. Mas não éreis um ignorante; não o provam vossos títulos?

Resp. – O que é o sábio da Terra diante da ciência do Céu? Aliás, não há sempre a influência de certos Espíritos, interessados em afastar-nos da luz?

Observação – Isso corrobora o que já foi dito: certos Espíritos inspiram o afastamento das pessoas que poderiam dar conselhos úteis e frustrar as suas maquinações. Essa influência jamais será a de um Espírito bom.

11. E agora, que pensais do livro?

Resp. – Não o poderia dizer sem elogiar. Ora, nós não elogiamos, como bem o sabeis.

12. Vossa opinião sobre a natureza das penas futuras modificou-se?

Resp. – Sim. Eu acreditava nas penas materiais; agora creio nas penas morais.

13. Podemos fazer algo que vos seja agradável?

Resp. – Sempre. Fazei cada um de vós, esta noite, uma prece em minha intenção. Serei reconhecido; não o esqueçais.

Observação – O livro do Sr. de Codemberg provocou uma certa sensação e, devemos acrescentar, uma sensação penosa entre os partidários esclarecidos do Espiritismo, por causa da extravagância de certas comunicações que se prestam bastante ao ridículo. Sua intenção era louvável, pois era um homem sincero. Ele é um exemplo do domínio que certos Espíritos podem exercer, adulando e exagerando as idéias e os preconceitos daqueles que não avaliam com muita severidade os prós e os contras das comunicações espíritas. Mostra-nos, sobretudo, o perigo de os espalhar muito levemente no público, visto poderem tornar-se motivo de repulsa, fortalecendo certas pessoas na incredulidade e fazendo, assim, mais mal do que bem, já que fornecem armas aos inimigos da causa. Nunca seríamos bastante cautelosos a esse respeito.

SR. POITEVIN, AERONAUTA

Morto há cerca de dois meses, de febre tifóide, contraída em consequência de uma descida forçada em pleno mar.

**Sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas –
11 de fevereiro de 1859.**

1. Evocação.

Resp. – Eis-me aqui. Falai.

2. Tendes saudades da vida terrena?

Resp. – Não.

3. Sois mais feliz agora do que quando vivo?

Resp. – Muito.

4. Qual o motivo que vos levou para as experiências aeronáuticas?

Resp. – A necessidade.

5. Tínheis idéia de servir à Ciência?

Resp. – De modo algum.

6. Vedes agora a ciência aeronáutica de um ponto de vista diferente daquele que tínheis em vida?

Resp. – Não; eu a via como a vejo agora, pois a via bem. Via muitos aperfeiçoamentos a introduzir, mas não os podia desenvolver por falta de conhecimentos. Mas esperai. Virão homens que lhe darão o destaque que ela merece e merecerá um dia.

7. Acreditais que a ciência aeronáutica venha a tornar-se um dia objeto de utilidade pública?

Resp. – Sim, certamente.

8. A grande preocupação dos que se ocupam dessa ciência é a pesquisa dos meios de dirigir os balões. Pensais que o conseguirão?

Resp. – Sim, certamente.

9. Em vossa opinião, qual a maior dificuldade que apresenta a dirigibilidade dos balões?

Resp. – O vento, as tempestades.

10. Então não é a dificuldade de encontrar um ponto de apoio?

Resp. – Se dirigíssemos os ventos, dirigiríamos os balões.

11. Poderíeis assinalar o ponto para o qual conviria dirigir as pesquisas a esse respeito?

Resp. – Deixemos isso de lado.

12. Quando vivo estudastes os vários sistemas propostos?

Resp. – Não.

13. Poderíeis dar conselhos aos que se ocupam de tais pesquisas?

Resp. – Pensais que seguiriam vossos conselhos?

14. Não seriam os nossos, mas os vossos conselhos.

Resp. – Quereis um tratado? Eu o mandarei fazer.

15. Por quem?

Resp. – Pelos amigos que me guiaram.

16. Aqui estão dois inventores distintos em matéria de aerostação, o Sr. Sanson e o Sr. Ducroz, que obtiveram benefícios científicos muito honrosos. Fazeis uma idéia de seu sistema?

Resp. – Não. Há muito a dizer. Não os conheço.

17. Admitindo resolvido o problema da dirigibilidade, credes na possibilidade de uma navegação aérea em grande escala, como sobre o mar?

Resp. – Não; jamais como pelo telégrafo.

18. Não falo da rapidez das comunicações, que nunca poderão ser comparadas à do telégrafo, mas do transporte de grande número de pessoas e de objetos materiais. Que resultado se pode esperar nesse sentido?

Resp. – Pouca celeridade.

19. Quando em perigo iminente, pensastes no que seríeis após a morte?

Resp. – Não; estava inteiramente voltado para as minhas manobras.

20. Que impressão vos causava o perigo que corréis?

Resp. – O hábito tornara o medo mais fraco.

21. Que sensação experimentáveis quando estáveis perdido no espaço?

Resp. – Perturbação, mas felicidade; meu Espírito parecia escapar do vosso mundo. Entretanto, as necessidades de manobrar despertavam-me para a realidade e me faziam cair na fria e perigosa posição em que me achava.

22. Vedes com prazer vossa esposa seguir a mesma carreira aventureira?

Resp. – Não.

23. Qual a vossa situação como Espírito?

Resp. – Vivo como vós, isto é, posso prover à minha vida espiritual como proveis à vossa vida material.

Observação – As curiosas experiências do Sr. Poitevin, sua intrepidez, sua notável habilidade na manobra dos balões, faziam-nos esperar dele maior elevação e grandeza de idéias. O resultado não correspondeu à nossa expectativa. Para ele, como pudemos ver, a aerostação era apenas uma indústria, uma maneira de viver por um gênero particular de espetáculo; todas as suas faculdades estavam concentradas nos meios de excitar a curiosidade pública. Assim é que, nestas conversas familiares de além-túmulo, as previsões são muitas vezes incertas; ora são ultrapassadas, ora ficam aquém do que se esperava, prova evidente da independência das comunicações.

Numa sessão particular, e através do mesmo médium, Poitevin ditou os conselhos a seguir, para cumprir a promessa que acabava de fazer. Cada um poderá apreciar-lhes o valor; nós os

damos como objeto de estudo sobre a natureza dos Espíritos, e não por seu mérito científico, mais que contestável.

“Para dirigir um balão cheio de gás encontrareis sempre as maiores dificuldades: a imensa superfície que ele oferece como presa aos ventos; a insignificância do peso que o gás pode suportar; a fragilidade do envoltório, reclamada por esse ar sutil. Todas essas causas jamais permitirão dar ao sistema aerostático a grande extensão que desejaríeis vê-lo tomar. Para que o aeróstato tenha uma utilidade real, é preciso que seja um sistema de comunicação poderosa e dotado de uma certa presteza, mas sobretudo poderoso. Dissemos que guardaria o meio-termo entre a eletricidade e o vapor; sim, e por duas razões:

1º Deve transportar os passageiros mais rapidamente do que as ferrovias e as mensagens mais vagarosamente do que o telégrafo.

2º Não se mantém como meio-termo entre esses dois sistemas porque participa, ao mesmo tempo, do ar e da terra, ambos servindo-lhe de caminho: está entre o céu e o mundo.

“Não me perguntastes se, por esse meio, conseguiríeis visitar os outros planetas. Entretanto, semelhante pensamento inquietou muitas cabeças e a sua solução encheria de espanto o vosso mundo inteiro. Não, não conseguireis. Imaginai que, para atravessar esses espaços extraordinários, de milhões e milhões de léguas, a luz leva anos. Vede, pois, quanto tempo seria necessário para os atingir, mesmo levados pelo vapor ou pelo vento.

“Para voltar ao assunto principal, eu vos dizia, ao começar, que não seria preciso esperar muito de vosso sistema atual; mas que obteríeis muito mais agindo sobre o ar por compressão forte e extensa. O ponto de apoio que procurais está diante de vós e vos cerca por todos os lados; com ele vos chocais a cada um de vossos movimentos; diariamente ele entrava a vossa

rota e influi principalmente no que tocais. Pensai bem nisso e tirai dessa revelação tudo quanto puderdes: suas deduções são enormes. Não vos podemos tomar a mão e levar-vos a forjar as ferramentas necessárias a esse trabalho; não vos podemos dar uma indução, palavra por palavra. É preciso que o vosso Espírito trabalhe e amadureça seus projetos; sem isso não compreenderíeis aquilo que faríeis e não saberíeis manejar vossos instrumentos. Seríamos obrigados a girar e a abrir os vossos pistões: as circunstâncias imprevistas que, mais dia menos dia, viessem dificultar vossos esforços, lançar-vos-iam em vossa primitiva ignorância.

“Trabalhai, pois, e encontrareis o que tiverdes procurado. Conduzi vosso Espírito para a direção que vos indicamos e aprendei pela experiência, porquanto não vos induzimos em erro.”

Observação – Embora encerrando verdades incontesteáveis, nem por isso estes conselhos denotam um Espírito esclarecido, sob certos pontos de vista, uma vez que parece ignorar a verdadeira causa da impossibilidade de atingir outros planetas. É uma prova a mais da diversidade de aptidões e de luzes encontradas no mundo dos Espíritos, assim como ocorre na Terra. É pela multiplicidade das observações que se chega a conhecer, a compreender e a julgar. Eis por que damos modelos de todos os gêneros de comunicações, tendo o cuidado de fazer ressaltar o forte e o fraco. A de Poitevin termina por uma consideração muito justa, que nos parece ter sido suscitada por um Espírito mais filosófico do que o seu. Ademais, ele havia dito que tais conselhos seriam redigidos por seus amigos que, absolutamente, nada ensinam.

Aqui encontramos mais uma prova de que nem sempre os homens que tiveram uma especialidade na Terra são os mais adequados a nos esclarecer como Espíritos, sobretudo se não forem bastante elevados para se desprenderem da vida terrena.

Para o progresso da aeronáutica é lamentável que a maior parte desses homens intrépidos não possa colocar a sua experiência a serviço da Ciência, ao passo que os teóricos, alheios à prática, assemelham-se a marinheiros que jamais viram o mar. Incontestavelmente, um dia haverá engenheiros em aerostática, como há engenheiros navais, mas apenas quando tiverem visto e sondado diretamente as profundezas do oceano aéreo. Quantas idéias não lhes seriam dadas pelo contato real dos elementos, idéias que escapam às pessoas do ramo! Porque, seja qual for o seu saber, não podem eles, do fundo de seu coração, perceber todos os escolhos; entretanto, se um dia essa ciência tornar-se uma realidade, não o será senão por seu intermédio. Aos olhos de muitas pessoas isso ainda é uma quimera, razão por que os inventores, que geralmente não são capitalistas, não encontram o apoio nem o encorajamento necessários. Quando a aerostação produzir dividendos, mesmo em esperanças, e puder ser admitida nas transações oficiais da Bolsa, não lhe faltarão capitais. Até lá, é necessário contar apenas com o devotamento daqueles que vêem o progresso antes da especulação. Enquanto houver parcimônia nos meios de execução haverá derrotas, pela impossibilidade de fazer ensaios em larga escala ou em condições convenientes. Seremos forçados a proceder de modo mesquinho e o faremos mal, nisso como em todas as coisas. O sucesso não será obtido senão a preço de muitos sacrifícios para entrar no caminho da prática, o que significa sacrifício e exclusão de qualquer idéia de benefício. Esperemos que a idéia de dotar o mundo da solução de um grande problema, ainda que não fosse do ponto de vista da Ciência, inspire um desinteresse generoso. Mas a primeira coisa a fazer seria fornecer aos teóricos os meios de aquisição de experiência do ar, mesmo por intermédio dos meios imperfeitos que possuímos. Se Poitevin houvera sido um homem de saber, e tivera inventado um sistema de locomoção aérea, sem dúvida teria inspirado mais confiança do que aqueles que jamais deixaram a Terra e, provavelmente, teria encontrado os recursos que aos outros são recusados.

Pensamentos Poéticos

Ditados pelo Espírito Alfred de Musset à Sra. M***

Se tu sofres na Terra,
Ó aflito coração,
Tua vida se aferra
Em justa expiação;
Se esse é pois teu cadinho,
Pensa na tua dor,
Pode ser-te o caminho
A um destino melhor

Os desgostos da vida
Quanto maiores são
Mais dizem da assumida
Falta em teu coração,
Será tal preço, em dores
Por depurar ter Ser,
Tão alto se onde fores
No Céu terás prazer?

A vida é uma passagem
Cujo curso te diz:
Se sábio, na viagem,
Serás sempre feliz.

Observação – O médium que serviu de intérprete não só é estranho às regras mais elementares da poesia, como jamais fez um único verso. Ele os escreve com extraordinária facilidade, sob o ditado dos Espíritos e, embora seja médium há pouco tempo, já possui uma coleção numerosa e muito interessante. Entre outros, já vimos alguns, encantadores e bastante oportunos, que lhe foram ditados pelo Espírito de uma pessoa viva, que ele evocou e que reside a duzentas léguas. Quando em vigília essa pessoa não é mais poeta que o médium.

Sonâmbulos Assalariados

Um de nossos correspondentes nos escreve a propósito de nosso último artigo sobre os médiuns mercenários, perguntando se nossas observações também se aplicam aos sonâmbulos assalariados.

Se quisermos remontar à origem do fenômeno, veremos que, embora possa ser considerado como uma variedade de médium, o sonâmbulo é um caso diferente do médium propriamente dito. Com efeito, este último recebe suas comunicações de Espíritos estranhos, que podem vir ou não, conforme as circunstâncias ou as simpatias que encontram. O sonâmbulo, ao contrário, age por si mesmo. É o seu próprio Espírito que se desprende da matéria e vê mais ou menos bem, conforme o desprendimento seja mais ou menos completo. É verdade que o sonâmbulo se acha em contato com outros Espíritos que o assistem mais ou menos de boa vontade, em razão de suas simpatias; mas, definitivamente, é o seu Espírito que vê e pode, até certo ponto, dispor de si mesmo, sem que outros tenham o que repetir e sem que seu concurso seja indispensável. Disso resulta que o sonâmbulo que busca uma compensação material, à custa de um esforço por vezes grande, decorrente do exercício de sua faculdade, não tem de vencer as mesmas susceptibilidades que o médium, que não passa de um instrumento.

Além disso, sabe-se que a lucidez sonambúlica se desenvolve pelo exercício. Ora, aquele que disso faz uma ocupação exclusiva, adquire tanto maior facilidade quanto mais coisas vê, com as quais termina por se identificar, assim como com certos termos especiais que lhe voltam mais facilmente à memória. Numa palavra, ele se familiariza com esse estado que, por assim dizer, torna-se o seu estado normal: nada mais o surpreende. Os fatos, aliás, estão aí para provar com que presteza e com que clareza podem eles ver, donde concluímos que a retribuição paga a certos sonâmbulos não constitui obstáculo ao desenvolvimento de sua lucidez.

A isso fazem uma objeção. Como a lucidez muitas vezes é variável e depende de causas fortuitas, pergunta-se se a atração do lucro não poderia induzir o sonâmbulo a fingir essa lucidez, mesmo quando ela lhe faltasse, por fadiga ou outra causa, inconveniente que não ocorre quando não há interesse em jogo. Isso é verdade; respondemos, porém, dizendo que tudo tem o seu lado mau. Pode-se abusar de tudo e por toda parte onde si insinua a fraude é necessário desacreditá-la. O sonâmbulo que assim agisse faltaria com a lealdade, o que, infelizmente, se encontra também nos que não dormem. Com um pouco de hábito podemos percebê-lo facilmente, e seria difícil enganar por muito tempo um observador experimentado. Nisso, como em todas as coisas, o essencial é nos assegurarmos do grau de confiança que merece a pessoa à qual nos dirigimos. Se o sonâmbulo não assalariado não oferece esse inconveniente, não se deve supor que sua lucidez seja infalível; como qualquer outro, ele pode enganar-se, caso esteja em más condições. A esse respeito a experiência é o melhor guia. Em resumo, não preconizamos ninguém. Chegamos a constatar notáveis serviços por uns e por outros. Nosso objetivo era somente provar que se pode encontrar bons sonâmbulos numa e noutra daquelas condições.

Aforismos Espíritas e Pensamentos Avulsos

Os Espíritos se encarnam homens ou mulheres, porque não têm sexo. Como devem progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social, lhes impõe provas e deveres especiais, bem assim ocasião de adquirir experiência. Aquele que fosse sempre homem não saberia senão o que sabem os homens.

Pela Doutrina Espírita, a solidariedade não mais se restringe à sociedade terrena: abarca todos os mundos; pelas relações que os Espíritos estabelecem entre as diferentes esferas, a

solidariedade é universal, porquanto de um mundo a outro os seres vivos se prestam mútuo apoio.

Aviso

Incessantemente recebemos cartas de nossos correspondentes, pedindo-nos a *História de Joana d'Arc e a de Luís XI*, das quais publicamos extratos, bem como o álbum de desenhos do Sr. Victorien Sardou.

Lembramos aos nossos leitores que a *História de Joana d'Arc* está completamente esgotada; que a vida de *Luís XI*, bem como a de *Luís IX*, ainda não foram publicadas. Esperamos que o sejam um dia e, então, será para nós um prazer anunciá-las em nossa coleção. Até lá qualquer pedido dessas obras não alcançará o seu objetivo. O mesmo se dá com o álbum do Sr. Sardou. O desenho que publicamos da casa de Mozart é o único que se encontra à venda na casa do Sr. Ledoyen.

Allan Kardec